

Introdução às Treze Teses Marxistas Feministas

Esta base para o pensamento e ação feminista marxista, formulada por Frigga Haug, é o resultado de um processo coletivo organizado em torno das Conferências MarxFem.

Com introdução de Frigga Haug.

Perante as crises profundas do capitalismo, com todas as válvulas de segurança desaparecidas, onde cada crise é meramente a intensificação da crise anterior afetando cada vez mais a vida quotidiana e as suas condições e tornando o planeamento mais precário para um número crescente de mulheres que são deixadas sozinhas com um fardo duplo para suportar. Perante esta realidade, enviei um apelo a feministas marxistas que conheci durante o movimento dos anos 1970 em diferentes reuniões, viagens e enquanto professora convidada em diversas instituições, para deliberarmos conjuntamente sobre a situação. Na nossa opinião, chegara a altura das forças marxistas feministas se unirem a nível global, da mesma forma que o capitalismo e as crises que produz se haviam tornado globais; numa palavra, era chegada a hora de uma Internacional Marxista-Feminista.

Em apenas uma semana, quarenta mulheres de todo o mundo responderam à minha primeira circular, com 34 propostas de contributos para o congresso que se realizaria. Este primeiro congresso ocorreu em Berlim de 22 a 25 de março de 2015, com a participação de mais de 500 mulheres oriundas de vinte países. Para fazer desta Conferência Internacional não apenas um acontecimento isolado, mas com ancoragem para o futuro, escrevi para o plenária de encerramento doze teses que havia depurado a partir dos trinta e quatro contributos na conferência. Ao fazê-lo, pude aproveitar o privilégio de anfitriã que me permitiu conhecer antecipadamente os discursos. No processo de discussão na sessão plenária de Berlim, em que foram ouvidas as vozes de muitas mulheres, foram exigidas modificações, melhorias e ampliações do resumo que anotei e incluí numa nova versão das teses originais. Não houve qualquer divergência sobre a questão de saber se este congresso deveria ou não continuar. O congresso seguinte aconteceu em Viena em 2016, contando novamente com a participação de mais de 500 mulheres, agora de trinta países. Ainda, estas teses tinham de ser mais discutidas e melhoradas numa discussão mais aprofundada. Apenas o nome, se se tratava de um *manifesto* marxista-feminista ou, apenas, as *minhas teses*, ficou por decidir. Não podiam ser publicadas, mas foram distribuídas, traduzidas e usadas por diferentes grupos de mulheres. Afinal, era este o ponto fundamental.

Na Conferência de Viena as teses foram novamente discutidas e modificadas em plenário mas, uma vez mais, falhámos a publicação dos nossos argumentos de forma que pudessem ser continuados, pelo menos por enquanto, como bons conceitos.

É o que está agora a ser feito com a versão baseada na discussão em Viena e ampliada por uma décima terceira tese que resultou da discussão preliminar da terceira conferência que teve lugar em Lund / Suécia, do dia 5 ao dia 7 de outubro de 2018.

Consideremos, então, as teses como pedras para a construção do que já temos alcançado, como fundamento, como vozes para o nosso Manifesto, enquanto feministas marxistas. São como uma bagem de viagem sempre apresentada a discussão em grandes fora e, a cada vez, em diferentes companhias.

Muitas das sugestões feitas na Conferência de Viena (sobre tecnologias reprodutivas, a inclusão de culturas indígenas, sobre capacitismo) aguardam serem integradas. As teses são apenas uma ferramenta de trabalho e seguro simultaneamente do que somos e onde queremos ir, compreendendo que tanto o caminho como o objetivo estão abertos a discussão conjunta e, portanto, sujeitos a mudanças.

Estão, então, convidadas a enviarem vossos comentários sobre as teses a heidiambrosh@transform-network.net, que amavelmente as transmitirá para as responsáveis.

TREZE TESES MARXISTAS FEMNISTAS

I.

O marxismo-feminismo são duas faces da mesma moeda, como enfatiza Helen Colley, mas esta moeda, por si só, requer transformação. O marxismo feminista preserva firmemente o legado de Marx e, portanto, o significado da análise do trabalho na forma de trabalho assalariado e como força motriz do movimento de trabalhadoras, como insiste Gayatri Spivak. Contudo, com a intenção de trazer as restantes atividades femininas para o centro da análise, o marxismo-feminismo desloca a questão das atividades domésticas e não domésticas das tentativas paralisantes de serem pensadas como um todo ou, alternativamente, como completamente separadas (o debate sobre a economia dupla, o debate do trabalho doméstico) para o desafio fundamental de ocupar e transformar o conceito de relações de produção por questões feministas.

II.

Portanto, assumem-se duas produções (como haviam já feito Marx e Engels), a da vida e a dos meios de vida. Ambos se relacionam entre si, de modo que é possível examinar analiticamente as práticas individuais e como interagem. Tal abre caminho a um enorme campo de investigação, no qual podem ser investigados modos específicos de dominação e podem ser elaboradas possibilidades de transformação de diferentes formas históricas e culturalmente específicas.

III.

Está claro que as relações de género são relações de produção e não um acréscimo a estas. Todas as práticas, normas, valores, autoridades, instituições, língua, cultura, etc., estão codificados nas relações de género. Esta assunção torna a investigação feminista marxista tão prolífica quanto necessária. A contemporaneidade e as ligações dentro das relações globais e a heterogeneidade simultânea de tipos historicamente específicos de opressão das mulheres exigem que ativistas internacionais reúnam os seus conhecimentos e as suas experiências.

IV.

O marxismo não é útil para a sociedade capitalista e as suas disciplinas académicas que legitimam a dominação. Dado que o marxismo-feminismo assume (como Marx, Luxemburgo, Gramsci, Brecht, etc.) que somos as pessoas que fazemos a nossa própria

história – ou se impedidas de o fazer, deveremos almejar o auto-empoderamento –, não se adequa para uma estrutura de ordens de cima para baixo. Tal permite a investigação em áreas como o trabalho da memória, bem como o tratamento histórico-crítico de si própria no coletivo e, portanto, a autocrítica como força de produção.

V.

O facto de todos os membros da sociedade terem de participar em relações de dominação para poderem agir requer o estudo concreto dos nós de dominação que paralisam ou acorrentam o desejo de mudança do patriarcado capitalista. As feministas têm a vantagem de terem menos privilégios associados à participação no poder, pelo que têm menos a perder, bem como mais experiência em ver o mundo a partir de baixo.

VI.

Todos os membros da sociedade capitalista sofrem por estarem inseridos em relações de dominação e submissão; e neste ponto, ninguém está perto de viver numa sociedade livre. No nosso presente, existem formas de dominação e violência historicamente sedimentadas, que não podem ser reduzidas a um caminho contínuo de desenvolvimento ou a uma contradição central. As formas selvagens de violência (contra as mulheres), de brutalização, de prontidão para a guerra, etc. (em que se centrou Zillah Eisenstein) devem ser entendidas como os horrores historicamente díspares que decorrem de relações antigas. Para as feministas marxistas, estas relações violentas têm de ser uma parte teórica e prática fundamental da sua luta pela libertação e da luta para alcançar o estatuto de sujeitos face ao subdesenvolvimento masculino-humano.

Mas a violência não é apenas expressão de relações tradicionais e obsoletas, mas também de relações produzidas no presente. É por isso necessária uma compreensão específica da crítica e da análise que evitem os essencialismos. As formas mais brutais de violência têm regressado como horrores das relações que consideramos superadas e que são produtos de relações atuais ao mesmo tempo.

VII.

O marxismo-feminismo posiciona-se sobre o primado do movimento da classe trabalhadora como sujeito histórico e agente de transformação. Trazer o feminismo para dentro do marxismo, e conseqüentemente mudar tanto o segundo como o primeiro, torna indispensável uma visão crítica do marxismo tradicional, que se refere apenas ao movimento operário tradicional. O marxismo é a crítica de Marx à economia política e ao

movimento operário, o que torna a sua força incomparável. Mas também torna visíveis as suas limitações. O destino da classe trabalhadora também mostra a sua incapacidade de reconhecer e desenvolver outras questões que transcendam o horizonte histórico da luta de classes. Este marxismo tradicional não é recetivo às novas questões feministas, nem às da ecologia, do racismo, da homofobia, da nacionalidade, etc. Portanto, temos continuar trabalhando nisso (como salientado por Rosa Luxemburgo). A riqueza dos vários movimentos, bem como a riqueza ainda não utilizada da herança cultural de Marx, exigem um trabalho contínuo no presente. Este é um desafio para todas as feministas marxistas, que foi consensual em praticamente todos os contributos.

VIII.

A controvérsia sobre raça, classe e sexo/género (interseccionalidade) precisa ser levada mais longe. A ligação entre classe e sexo/género em todas as sociedades dominadas pelo capitalismo tem ser investigada detalhadamente; o que surge como “questão racial” tem de ser respondida concretamente para cada sociedade e cultura separadamente e, também, ser relacionada com os outros dois tipos de opressão (como enfatizam Ann Ferguson e Gayatri Spivak). O pensamento não linear é necessário.

IX.

Nas convulsões desde a crise do fordismo, que se manifestam na série de crises da economia rapidamente globalizada e que levam as pessoas a condições cada vez mais precárias, as mulheres estão entre as que perdem, assim como outras práticas e grupos marginalizados.

X.

O desmantelamento do estado social ocidental numa economia globalizada deixa o cuidado da vida para as mulheres no trabalho doméstico não remunerado ou no trabalho mal remunerado, algo que pode ser experienciado ao longo da cadeia global do cuidado. Podemos conceber isto como uma “crise do cuidado” e como a consequência necessária de uma sociedade capitalista e patriarcal que, na mudança do seu centro económico para o sector dos serviços, é contaminada pela sua ganância apoderando-se de formas cada vez mais bárbaras de gerir a crise através da criação desigual de níveis de valor (como sugere Tove Soiland).

XI.

É comum que todas nós transportemos a vida para o centro das nossas lutas (entre outras, Montserrat Galcerán, Lise List) e, portanto, nos concentremos nas lutas por um tempo coletivamente auto-determinado. Podemos, também, seguir a sugestão de analisar as crises em torno da vida como consequência das lógicas de tempo desiguais dentro de áreas hierarquicamente organizadas (Frigga Haug). Como política, Haug sugere a perspectiva quatro em um, ou seja, deixar que a formulação de políticas seja orientada pela disponibilidade de tempo, não adaptando áreas entre si mas libertando-as da hierarquia através da generalização. Só quando todas estiverem ativas em todas as áreas será possível uma sociedade libertada.

XII.

As nossas lutas são dirigidas contra a dominação e são radicalmente democráticas; isto também requer políticas oriundas de baixo. A nossa resistência situa-se cultural e temporalmente de diferentes maneiras. Mas estão unidas a Marx para “derrubar todas as relações nas quais somos um ser degradado, escravizado, abandonado e desprezado”. Organizar congressos feministas-marxistas e refletir sobre os nossos modos de cooperação e de conflito no seu interior, significa traduzir a nossa resistência no desenvolvimento de um movimento feminista-marxista contínuo.

XIII.

As feministas marxistas já não se detêm a posição que o movimento operário lhes atribuiu, em virtude da divisão do trabalho, como mulheres que encarnam a paz e são responsáveis pela sua manutenção, enquanto os homens fazem a guerra. Recusamo-nos a sermos reduzidas a esta política e queremos assumir a responsabilidade pelo todo. Na atual situação global, caracterizada por crises e guerras, consideramos o poder feminista indispensável. Assumimos a responsabilidade e temos possibilidades poderosas.